

Prefácio

Voltamos aos promissores tempos em que a Igreja de Deus acredita que só pode crescer quando se torna evangelizada e evangelizadora. Parecendo uma afirmação banal e óbvia, é condição para o futuro da fé cristã no contexto das sociedades secularizadas e para o reencontro dos crentes com a comunidade eclesial no meio de uma generalizada tendência para a privatização da fé.

As comunidades cristãs têm inscrita na sua identidade a força da contínua renovação, que se torna real quando se deixam conduzir pela força do Espírito Santo e se decidem a viver na fé. Falha frequentemente a capacidade humana de discernir a situação em que nos encontramos e quais os caminhos a percorrer em ordem à renovação desejada. A falta de uma visão objetiva e clara sobre a vida da comunidade e a ausência de perspectivas quanto ao futuro são demolidoras para uma paróquia ou para qualquer outra comunidade eclesial.

Por vezes, sob a capa da confiança na Providência Divina e na ação do Espírito Santo, uma comunidade realiza de forma rotineira as suas ações, vê-se morrer aos poucos, sofre as perdas, mas não tem a coragem de mudar de atitude: passar do esforço de manutenção ao dinamismo missionário.

Outras vezes, as comunidades cristãs perdem demasiado tempo a procurar encontrar em causas externas a explicação da situação de perda contínua em que se encontram a fim de tranquilizarem a sua consciência. No entanto, todas as explicações que se possam encontrar na realidade sociocultural que

vivemos, em vez de servirem de desculpas, devem ajudar a encontrar os meios adequados para evangelizar o mundo neste lugar e neste tempo e tendo em conta todas as suas características.

James Mallon oferece-nos uma boa teoria, umas vezes corroborada outras vezes corrigida por uma boa prática. Parte do princípio de que uma comunidade paroquial é um corpo vivo e, como tal, procura estar continuamente em atitude de discernimento e avaliação sem nunca se acomodar a fórmulas ou esquemas pastorais datados.

Numa escrupulosa fidelidade à Doutrina e à Tradição, propõem-nos caminhos de renovação da Igreja por meio do anúncio do Evangelho, sempre a partir da profundidade da fé, do apelo incessante à evangelização e da fidelidade ao Espírito Santo. Ao mesmo tempo que proclama que a obra é de Deus, reclama o papel da comunidade cristã, que é convidada a mudar de paradigma de ação pastoral: dar continuidade ao projeto de Jesus e fazer discípulos que se ponham no caminho de O seguir em vez de alimentar estruturas vazias ou projetos carentes de Evangelho.

A James Mallon agradeço por nos ajudar a entrar numa nova era da vida das nossas paróquias ao levar-nos a criticar, sempre com a máxima honestidade, a validade dos nossos esquemas pastorais, e por nos dar como critérios de todas as ações pastorais o serviço ao anúncio do Evangelho, a promoção do encontro pessoal com Cristo, o enraizamento no Espírito e o crescimento no sentido do discipulado eclesial.

A leitura de *Renovação Divina*, concorde-se ou não com as suas propostas, tem o enorme mérito de nos fazer olhar para a realidade da vida de muitas paróquias de forma mais objetiva e de nos levar a assumir a urgência da sua renovação. Esta obra constitui um forte hino à desinstalação das comunidades cristãs e a sua leitura faz-nos desejar ir mais longe, com mais ardor e com novos métodos.

Desejo, caríssimo leitor, que o confronto inevitável entre o caminho proposto pelo autor e a realidade da sua própria comunidade o deixe inquieto e aberto aos caminhos da renovação divina.

† *Virgílio do Nascimento Antunes*,
Bispo de Coimbra

Introdução

CASTELO DE CARTAS

«**N**ós não precisamos de saber sobre Jesus, precisamos é de cartas.» Com isto, ela bateu na mesa e um silêncio abateu-se sobre todos os presentes no salão. Muitos foram os queixos que cáíram e muitas mãos que seguravam a próxima carta a ser jogada permaneceram suspensas, congeladas no ar. Além de parecerem chocadas, os rostos das pessoas demonstravam apreço por ela ter expressado o que elas mesmas gostariam de ter dito.

Na semana anterior, quando se tornou público que eu ia invadir o salão paroquial todas as segundas-feiras à noite para dirigir um programa de evangelização intitulado «Curso Alpha», o tumulto foi tão grande que tiveram de convocar uma reunião de emergência do conselho paroquial. Em vez de seguir os conselhos para desistir, eu, como um padre de trinta e um anos e pastor de uma paróquia pela primeira vez, teimosamente prossegui; não havia outra opção. Mal imaginava que este seria o primeiro de muitos jogos de cartas que iria disputar nos dez anos seguintes do meu presbiterado.

Deus abençoou abundantemente a nossa pequena paróquia naquelas primeiras tentativas de dirigir o «Alpha» e alcançar as pessoas mais afastadas na nossa comunidade. Em pouco mais de um ano, esta pequena paróquia começou a acolher mais de cem pessoas que se reuniam todas as segundas-feiras à noite para escutar

a mensagem evangélica como um convite a responder. Vidas estavam a ser transformadas, os mornos estavam a ser incendiados, e pessoas que se tinham afastado da Igreja estavam a encontrar-se com Jesus de uma forma poderosa, vivendo o Espírito Santo e regressando à comunidade da fé. A grande disputa de cartas tinha valido a pena.

Apesar de termos oferecido ao grupo de apoio social a liberdade de escolher qualquer dia ou hora que não as segundas-feiras à noite, optaram por desocupar o local e ir para outro lugar. Ninguém se importou com isso; afinal, o grupo social tem estado a funcionar desde o século XIV e incluía alguns dos seus membros fundadores, pelo menos assim o parecia. O mistério pelo qual eles não podiam mudar para uma outra noite foi desvendado um ano depois.

No verão do segundo ano em que estava nesta paróquia, foi-me atribuída uma outra paróquia, mais pequena, numa comunidade a cerca de doze quilómetros. Era uma igreja em declínio; o número de fiéis estava a diminuir; não havia missionários; nenhum ministro além dos litúrgicos e umas quantas almas generosas que cuidavam das instalações da mesma. Mal conseguiam pagar as contas com a organização de jantares no salão paroquial. O primeiro desafio era reestruturar o programa catequético que exigia que cerca de trinta crianças, compreendidas entre os cinco e os dezasseis anos, fossem metidas num espaço superlotado e que se sentassem em turmas que se misturavam todas as semanas de modo a encontrar uma *babysitter*/catequista. Queríamos separar as crianças de liceu e colocá-las no seu próprio grupo para que vivessem uma experiência de grupo de jovens em vez de se sentirem como numa sala de aulas. A única noite em que funcionava era às terças-feiras, e este era o dia do grupo social... com as mesmas pessoas que havia despejado das segundas-feiras à noite da outra paróquia. O mistério estava resolvido: a razão pela qual não podiam mudar era porque jogavam às cartas num sítio diferente a cada noite da semana!

De 2004 a 2010 fui pároco de uma paróquia abastada que se situava numa zona nobre da cidade. Tinha sido tradicionalmente a joia da coroa da diocese e sempre alojara o vigário-geral da arquidiocese e um grupo de vigários. Até muito recentemente, era

vista pelo grupo de padres quase na reforma como o lugar para se estar antes de pendurar a batina. Como resultado, durante trinta anos nada novo acontecera aí. As instalações encontravam-se em mau estado devido à falta de manutenção e as pessoas, a igreja de pedras vivas, não estavam em muito melhor forma. Não havia nenhuma formação na fé para adultos; nenhuma formação de ministérios e de liderança tinham sido promovidas. Estava a viver, de diversas formas, das cinzas do passado. A graça salvadora é que não havia nenhum grupo social. No entanto, havia lobitos, escuteiros e exploradores que utilizavam o nosso espaço quatro vezes por semana há mais de trinta anos.

Mais uma vez, começámos uma série de discussões com os grupos paroquiais que estavam a utilizar gratuitamente as nossas instalações para ver se conseguíamos, pelo menos numa noite, organizar o «Alpha». Durante os seis anos em que lá estive, acabámos por ganhar controlo das nossas instalações e continuámos a organizar uma série de iniciativas de fé por várias semanas com grupos de setenta a oitenta pessoas. Não é preciso dizer que esta paróquia adormecida começou a acordar e coisas maravilhosas começaram a acontecer.

Em 2005, um ano depois de me ter mudado para esta nova paróquia, foi-me atribuída uma terceira paróquia. Esta, não a mais de um quilómetro e meio de distância, poderia ser descrita nas mesmas condições que a outra, com a exceção de que 90% das suas instalações tinham sido arrendadas a uma escola de rapazes, e que acolhia uma liga de basquetebol que não tinha nenhuma ligação com a paróquia, excetuando o nome que os jogadores ostentavam nos equipamentos. Qualquer espaço que não fosse utilizado por esses grupos era guardado, com bastante zelo, claro, por dois grupos de apoio social.

Por fim, fui transferido para a minha atual paróquia de Saint Benedict, três meses depois da construção do novo e arrojado edifício. Esta paróquia tinha sido criada através da fusão de três outras paróquias existentes anteriormente, e as pessoas, umas dispostas, outras nem por isso, tinham acabado de se mudar para debaixo do mesmo teto e estavam juntas já há alguns meses. Ia tomar posse antes que o ano litúrgico começasse. «Excelente», pensei, «uma tela em branco. Nenhum grupo comunitário está

a usar os nossos edifícios, há espaço suficiente para iniciar programas de evangelização e formação na fé para adultos para que possamos construir uma igreja de pedras vivas que combine com o belo edifício novo.»

Para meu grande desespero, em menos de uma semana apercebi-me de que promessas verbais já tinham sido feitas para que os grupos comunitários se apossassem dos nossos espaços. Tinha de agir com rapidez. Tentámos chegar a um acordo, mas não funcionou. Apesar de durante quatro meses não termos lançado nenhuma iniciativa, e de termos usado esse tempo para nos preparar, os escuteiros precisavam de uma solução a longo prazo da nossa parte, pelo que se decidiram a mudar. O outro grupo era... um grande grupo de apoio social, e chegámos a um acordo. O espaço seria partilhado até dezembro, mas em janeiro, quando lançássemos o curso «Alpha» em Saint Benedict, eles teriam de mudar ou a hora ou o local do encontro. Na primeira vez que tivemos de partilhar o espaço houve alguns choques. O primeiro foi porque cento e sessenta pessoas disponibilizaram-se para serem treinadas como líderes do «Alpha». O segundo foi porque, quando entrei no salão paroquial, deparei-me com as caras zangadas de algumas pessoas entre os sessenta e os oitenta anos de idade – eram as mesmas pessoas que tinha “despejado” daquela paróquia há dez anos.

Nos próximos capítulos, sugiro que a confusão que existe na nossa Igreja hoje em dia, incluindo a confusão sobre o propósito dos nossos espaços, está enraizada na nossa crise de identidade. Nós somos uma Igreja essencialmente missionária. Irei apresentar as bases teológicas para essa identidade e sugerir um modelo para uma vida paroquial renovada. Rezo para que os líderes da Igreja e qualquer pessoa que se preocupa com o futuro da nossa Igreja encontrem neste livro um modelo para o processo de renovação divina desta Igreja que nós todos tanto amamos.